

Representações da pesca na porção média da bacia Araguaia-Tocantins.

Mylene Diniz de Oliveira¹, Cristiane Vieira da Cunha²

1. Estudante de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA; *mylenadeniz@hotmail.com
2. Docente da Faculdade de Educação no Campo/Núcleo de Educação Ambiental, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA.

Palavras Chave: *Etnoecologia, petrechos, conflitos.*

Introdução

Os ecossistemas aquáticos continentais na Amazônia são importantes áreas para a pesca artesanal e sustento de famílias em comunidades ribeirinhas (Nam et al., 2016; Rufino, 2004). Informações básicas sobre a pesca em rios de águas claras ajuda em intervenções de gestão para manter os recursos naturais e proteger o modo de vida de populações ribeirinhas (Isaac, Silva, & Ruffino, 2008).

Tais informações podem ser reconhecidas através do Conhecimento Ecológico Local (CEL) e este por sua vez é um importante instrumento para o desenvolvimento de intervenções de gestão (ZUKOWSKI, CURTIS & WATTS 2011).

Desta forma este trabalho teve como objetivo caracterizar os petrechos e estratégias de pesca utilizados pelos pescadores por meio do CEL (SILVANO & VALBO-JORGENSEN, 2008).

As coletas foram realizadas em cinco comunidades ribeirinhas: Vila Santa Teresinha do Tauiri e Vila Santo Antoninho (Itupiranga), Vila do Espírito Santo (Marabá), Vila Apinajés (São João do Araguaia) e Vilas Ilha de Campo e Santa Cruz (São Geraldo do Araguaia), no Estado do Pará, Brasil.

Resultados e Discussão

Os dados foram coletados em reuniões com pescadores, observações das pescarias e registro de conversas informais entre junho de 2015 a março de 2016. As análises dos dados foram de caráter qualitativo.

Os petrechos e estratégias utilizados pelos pescadores mais representativos são quatro (Tabela 1). O que mais chama a atenção é o uso dos amarradores, de acordo com os pescadores esta prática utilizada por “gente de fora” tem prejudicado a pesca local.

Camargo & Petrere Jr, (2004) já previam esta situação na região da UHE de Tucuruí. Situações conflituosas devem se constituir em alerta para que autoridades e a sociedade tomem medidas preventivas para que a situação não venha assimilar a violência (SANTOS & SANTOS, 2005).

Entretanto os conflitos podem condicionar diferentes maneiras de apropriação do espaço, além de trazer perspectivas de desenvolvimento e organização da comunidade (Gustavo & Ferreira, 2007).

Figura 1. Despesca malhadeira (rede parada) no rio Tocantins, Pará, Brasil.



Tabela 1. Petrechos e estratégias de pesca na porção média da bacia Araguaia-Tocantins, Pará, Brasil.

Petrechos	Estratégias
Tarrafa	Observa-se o ambiente, foca com a lanterna e onde vemos que tem peixe, jogamos a tarrafa. Não se joga tarrafa aleatoriamente.
Canço e linha e anzol	Pesca direta: A pescaria pode ser feita em locais de pedrais ou na beira da vegetação onde se utiliza alguma isca. Pesca com ceva: Cozinha-se o milho junto com soja por dois ou três dias, posteriormente joga a isca em locais de pedrais por dois ou três dias seguidos pode dar início a pescaria.
Malhadeira	Pesca de Caceia: Três ou mais pescadores se reúnem com até 10 panos de rede utilizando duas ou três canoas, armam a rede e estendem no rio, quando o peixe entra vão fechando as redes, fazendo um cerco para capturar os peixes. Pesca com Malhadeira parada: A malhadeira é armada em locais como saída de igarapés ou próximo a margem durante o dia ou a noite e é vistoriada de tempos em tempos para realização da despesca.
Amarrador	Rede de malha resistente (fibra) com tamanho de malhas que varia entre 4 a 12cm entre nós e tamanho de 100 metros, formando um saco no fundo. Tem capacidade de capturar entre 500 a 3000kg de peixes de uma só vez.

Conclusões

A região apresenta diferentes estratégias de pesca e dentre elas o uso de amarradores tem gerado conflitos o que necessita um efetivo plano de monitoramento e gestão participativa da pesca. Neste sentido as reuniões nas comunidades pesquisadas não só tem favorecido o conhecimento da pesca local, mas sobretudo tem proporcionado a organização social para além das estratégias de organização realizadas através das Colônias de Pesca.

Agradecimentos

A UNIFESSPA, ao Núcleo de Educação Ambiental e ao ICMBio.

Santos, G. M. & Santos, A. C. M. (2005). Sustentabilidade da Pesca na Amazônia. *Estudos Avançados*, 19 (54) 1-18.

Azevedo, N. T. de. (2012). *POLÍTICA NACIONAL PARA O SETOR PESQUEIRO NO BRASIL (2003-2011)* Curitiba NATÁLIA TAVARES DE AZEVEDO *POLÍTICA NACIONAL PARA O SETOR PESQUEIRO NO BRASIL (2003-2011)* Curitiba. Universidade Federal do Paraná.

Camargo, S. A. F. De, & Petrere Jr, M. (2004). Análise de risco aplicada ao manejo precaucionário das pescarias artesanais na região do reservatório da UHE-Tucuruí (Pará, Brasil). *Acta Amazonica*, 34(3), 473-485. <http://doi.org/10.1590/S0044-59672004000300013>

Gustavo, P., & Ferreira, C. (2007). Comunidades ribeirinhas amazônicas, 1-224. Isaac, V. J., Silva, C. O. da, & Ruffino, M. L. (2008). The artisanal fishery fleet of the lower Amazon. *Fisheries Management and Ecology*, 15, 179-187. <http://doi.org/10.1111/j.1365-2400.2008.00599.x>

Nam, S., Baird, I. G., Darwall, W., Lujan, N. K., Harrison, I., Stiassny, M. L. J., ... Sáenz, L. (2016). Balancing hydropower and biodiversity in the Amazon, Congo, and Mekong, 351(6269), 128-129.

Rufino, M. L. (2004). *A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia*. Manaus-AM/ Ibama/PróVárzea.